

Introdução

Este trabalho trata da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) – grupo armado que combateu o regime da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) de 1977 até 1992 e hoje é o principal partido da oposição –, tal como aparece nos *Cadernos da Gorongosa*.

* * *

Em 28 de agosto de 1985, o quartel-general da Renamo, situado na Casa Banana, foi atacado pelas forças zimbabweanas e do governo moçambicano. A Casa Banana estava situada a leste da serra da Gorongosa, no extremo norte do parque nacional do mesmo nome, cerca de 22 km a leste da localidade de Vunduzi, a norte do rio Nhadué.¹ A Renamo sabia de antemão do ataque e

¹ Stephen A. Emerson indica como situação «entre a localidade de Cavalo e o monte Panda, a noroeste da aldeia de Canganetole»: *The Battle for Mozambique: The Frelimo–Renamo Struggle, 1977–1992* (West Midlands: Helion and Company Limited, 2014), 136. Cavalo está a menos de 1 km de Vinduzi. Canganitore (Canganetole no livro de S. Emerson) tinha sido a pista de aterragem da Casa Banana. Segundo Peter Stiff, as tropas zimbabwenas lideraram toda a operação: «[...] elite troops of Zimbabwe’s 1st Parachute Battalion captured Renamo’s Gorongosa HQ on 28 August 1984 [*sic*: 1985]. This attack had been made possible by the ZNA taking over responsibility for offensive operations in the Manica, Sofala and Tete provinces from the FPLM. This was additional to their responsibilities in the Beira corridor [...] It is ironic that the reconnaissance of the base and the successful assault afterwards was controlled by colonel Dudley Coventry [...]

informou os seus grupos locais para que não fossem apanhados de surpresa.² A base fora evacuada, tendo ficado uma parte do material bélico mais pesado que tinha sido apreendido ao governo.³ Apesar da declaração de Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique e do partido no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), dizendo «quebrámos a espinha dorsal da cobra», esta não foi uma derrota militar importante. Aliás, um jornalista estrangeiro baseado em Moçambique, bastante favorável à Frelimo, retorquiu: «o problema é que a cobra não tem espinha dorsal».⁴ A Casa Banana foi recupada alguns meses depois pela Renamo.

No entanto, para além do material pesado que haviam deixado, ficou também uma parte dos seus arquivos, que os serviços de segurança do governo moçambicano se apressaram a estudar.⁵ Com efeito, poucos meses depois do Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança,

He had originally established the base for Renamo in the old Rhodesian days, so he knew it well. Before the assault, he briefed FPLM commanders at Chimoio on Renamo's history» [Peter Stiff, *The Silent War: South African Recce Operations 1969-1994* (Alberton: Galago, 1999), 379-380]. Agradeço a Éric Morier-Genoud, que chamou a minha atenção para essas páginas.

² Entrevista com o brigadeiro-general Inácio Faque Ferraria, Beira, outubro de 2014. O próprio A. Dhlakama contou a sua versão da tomada da Casa Banana, reproduzida em Jaime Nogueira Pinto, *Jogos Africanos* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008), 226-228.

³ Emerson, *The Battle for Mozambique...*

⁴ Em inglês, estranhamente, o episódio foi traduzido assim: «We have broken the back of the snake, but the tail will still thrash around» [Paul Fauvet e Marcelo Mosse, *Carlos Cardoso: Telling the Truth in Mozambique* (Cidade do Cabo, 2003), 138]. Emerson utilizou a mesma tradução: «We have broken the back of the snake [...] The tail will still thrash around for a while. Now we are pursuing the head of the snake» (*The Battle for Mozambique...*, 140).

⁵ Não era a primeira vez que a Renamo perdia «papéis». Isso já acontecera em junho de 1980, quando a base de Sitatonga foi assaltada pelas forças do governo (Sitatonga foi a segunda base central da Renamo no interior de Moçambique, depois da queda da base de Satungira, na Gorongosa, em 1979) (v. a entrevista de A. Dhlakama por Jaime Nogueira Pinto, *Jogos Africanos*, 227-228). O bloguista pro-Renamo Unay Cambuma também descreveu essa batalha no artigo «A batalha de Satitoga-2» [*sic*], http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2014/02/a-batalha-de-satitoga-2.html. Também, aquando da tomada da base de Garagua, em 4 de dezembro de 1981, papéis que já foram divulgados pelo governo, conhecidos como *Documentos de Garagua* [cf. Anders Nilson, *Paz na Nossa Época. Para Uma Compreensão Holística de Conflitos na Sociedade Mundial* (Maputo, ISRI e Góteborg: Padriku, 2001), 59].

o chamado Acordo de Nkomati, assinado em 4 de outubro de 1984 e que, em princípio, previa que o governo moçambicano deixasse de apoiar o *African National Congress* em troca de o governo sul-africano deixar de apoiar a Renamo, esses documentos iam permitir comprovar que o segundo continuava clandestinamente, mas ativamente, a apoiar a Renamo com material bélico e não bélico.

Rapidamente o governo publicou excertos dos doravante conhecidos como *Cadernos da Gorongosa*, isto é, peças de arquivos da Renamo, onde aparecia, sem dúvida alguma, a presença da África do Sul na vida do grupo rebelde. Houve duas edições sucessivas, sob o título de *Documentos da Gorongosa*, a segunda ampliada e bilingue, incluindo uma parte intitulada «1984. Diário/Desk Diary», além dos «Caderno 2» e «Caderno 3», já incluídos na 1.^a edição. De imediato, Afonso Dhlakama, comandante-chefe da Renamo, alegou que eram documentos falsos forjados pelo SNASP.⁶ De certa maneira, ele tinha razão: como o título mesmo indicava,⁷ eram «extratos», mas extratos cuidadosamente escolhidos com o fim único de comprovar a presença sul-africana. A «concentração», nesses excertos, de tudo quanto evocava a África do Sul criava assim a impressão de que esta tinha uma presença quase diária na vida da guerrilha, que não era mais do que o «braço regional armado do *apartheid*», isto é, um fenómeno não político, mas de tipo mercenário – daí a expressão «bandidos armados», ou «BAs», usada desde 1980.⁸

⁶ SNASP: Serviço Nacional de Ação e Segurança Popular, a temida polícia política do regime da Frelimo. Alex Vines, autor de um dos primeiros estudos aprofundados sobre a Renamo, não se apercebeu de que os *Documentos da Gorongosa* publicados pelo governo, a que ele chama os *Vaz diaries*, não eram mais do que uma seleção («Vaz», de José Francisco Vaz, segundo A. Vines – talvez houvesse confusão com Joaquim Vaz, secretário de A. Dhlakama) [Alex Vines, *Renamo. From Terrorism to Democracy in Mozambique?* (Amsterdão: Centre for Southern African Studies – Londres: James Currey, 1996), 24-25 (1.^a ed., 1991)].

⁷ *Documentos da Gorongosa (extractos)/(extracts) Gorongosa Documentos* ([Maputo], [1985]), 108 folhas (216 páginas), 2.^a ed. Preferi manter o nome *Cadernos da Gorongosa* porque é corrente e para os distinguir dos excertos publicados pelo governo.

⁸ Antes da independência do Zimbábue, o governo da Frelimo denunciava diretamente as incursões das forças rodesianas em território moçambicano, ou falava de «atividades contrarrevolucionárias», o que era um qualificativo político. Como a independência do Zimbábue devia levar ao fim dessas atividades, o que não aconteceu, pelo contrário, o qualificativo de «bandidos armados» foi doravante utilizado para negar qualquer teor político à rebelião.

A continuação do apoio sul-africano, em escala mais reduzida, porém preciosa para a Renamo, não me parece possível de ser contestada.⁹ No entanto, tanto antes como depois de Nkomati, nunca foi um apoio do tipo do que o exército sul-africano dava à Unita em Angola.¹⁰ No caso angolano, o regime do *apartheid* queria vencer definitivamente o MPLA, considerado comunista, por causa da presença das tropas cubanas e por causa da Namíbia, ainda ocupada e cujo movimento de libertação, a SWAPO, era apoiado pelo MPLA. Mas o *apartheid* nunca quis vencer a Frelimo, procurando somente obrigá-la a mudar e a cessar o apoio ao ANC. Afinal, o exército sul-africano, ao contrário do apoio à Unita, nunca apoiou a Renamo: foi tarefa dos serviços secretos, uma «guerra barata» (em comparação com a «guerra cara» de Angola), que sempre excluiu material bélico pesado.

Na realidade, quando se olha para os *Cadernos da Gorongosa* ao longo de centenas e centenas de páginas, e não apenas para os excertos publicados pelo governo, a África do Sul é referida raramente, sendo por vezes referenciada simplesmente através da expressão «o exterior» (mas que pode ser também relativa ao Malawi). No dia a dia de um guerrilheiro da Renamo nunca se via um sul-africano e, muito provavelmente, a maioria dos guerrilheiros – em particular os que não estavam na Casa Banana ou noutras bases centrais da serra da Gorongosa, isto é, a grande maioria – nunca viram um único sul-africano nos seus anos de guerra. As armas deviam ser principalmente tomadas ao inimigo porque o armamento «vindo do exterior» era escasso.

Mas não tenho dúvida alguma de que, se os «excertos» eram «falsos», uma montagem para concentrar em pouco mais de 200 páginas as menções relativas à África do Sul e assim dar a impressão de uma presença permanente do regime do *apartheid* junto da guerrilha, os *Cadernos*, em si, são documentos verdadeiros. Contêm tantos elementos que nem o melhor serviço secreto do mundo poderia forjá-los,

⁹ Pelo menos, não discutirei isso neste livro. Afonso Dhlakama (várias entrevistas com o autor) continuou a afirmar que a África do Sul parou definitivamente o apoio ao seu movimento depois do Acordo de Nkomati.

¹⁰ União Nacional para a Independência Total de Angola, movimento anticolonial criado em 1965, que resistiu até 2002, pela guerra civil, e até 1991, com apoio sul-africano, ao governo do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), por sua vez apoiado pelos cubanos. A Unita foi vencida militarmente, com a morte em combate do seu líder, Jonas Savimbi, em 22 de fevereiro de 2002, no Moxico.

sem falar do facto de que teriam sido necessários anos de trabalho de duvidosa rentabilidade (quem iria ler, anos depois, dezenas e dezenas desses falsos cadernos?).

Quantos *Cadernos da Gorongosa* foram apreendidos pelas forças governamentais? A questão é importante, mas não tenho a resposta: cinquenta, uma centena, duas centenas? Eram cadernos de papel, com encadernação de cartão forte, do tipo que se podia comprar na altura (e ainda hoje) na África do Sul.¹¹ Havia também alguns manuais militares, com capa da Renamo, mas que, na realidade, eram cópias de manuais portugueses. E onde foram parar esses *Cadernos*? Ouvi dizer – mas para o historiador que sou isto não basta – que ficaram algum tempo no gabinete de Aquino de Bragança no Centro de Estudos Africanos. Mas este, como se sabe, morreu pouco tempo depois, em 19 de outubro de 1986, no acidente de avião de Mbuzini, que vitimou também o presidente Samora Machel. Tampouco estão na posse da viúva de Aquino de Bragança.¹² Não estão na biblioteca e arquivo do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane.¹³ Não estão no Arquivo Histórico de Moçambique – que, aliás, teria muito interesse em adquiri-los.¹⁴ Seria importantíssimo conseguir localizá-los e salvaguardá-los numa instituição arquivística.

Com efeito, esses *Cadernos* são um tesouro para a história do tempo presente. São compostos, basicamente, por milhares de cópias manuscritas de mensagens de rádio, decifradas, entre os grupos locais da Renamo e o respetivo Estado-Maior-General, ou deste para os primeiros. Há também alguns maços de folhas datilografadas. O grande interesse reside no facto de serem textos internos, que não se destinavam a ser publicados ou mesmo vistos por pessoas exteriores, uma vez que não falavam «para inglês ver»; pelo contrário, usavam o vocabulário espontâneo dos quadros da Renamo, refletindo as suas ansiedades, os seus valores, etc. Não escondiam as dificuldades porque o Estado-Maior-General da guerrilha precisava de conhecer a situação real. É muito raro poder estudar uma guerrilha assim.

¹¹ Agradeço ao padre Diamantino Antunes (superior da Ordem da Consolata para Moçambique) por esta precisão concreta (Lisboa, 25 de janeiro de 2016).

¹² Mensagem de Sílvia Bragança, a 30 de maio de 2016.

¹³ Mensagem do diretor do CEA-UEM, Carlos Arnaldo, a 21 de março de 2016.

¹⁴ Mensagem do diretor do AHM, Joel Neves Tembe, a 8 de fevereiro de 2016.

O que me permite fazer tal afirmação? Por razões que não podem ser reveladas, tive a possibilidade de consultar e estudar alguns dos *Cadernos*, que foram «extraviados» do lote por quem, ao serviço de um governo estrangeiro (não o meu), queria saber do que se tratava. Com certeza, são só uma parte,¹⁵ mas que é suficiente para comprovar

¹⁵ Trata-se dos documentos a seguir, que, por razão de comodidade, foram numerados assim: CG1, CG2... para *Cadernos da Gorongosa* 1, 2..., mesmo nos casos em que não se trata propriamente de «cadernos», mas de folhas datilografadas ou de folhas manuscritas avulsas. Essa numeração foi feita por mim e não aparece nos *Cadernos*:

- CG1/Resistência Nacional Moçambicana, Departamento de Defesa e Segurança, Serviço das Comunicações – 109 folhas datilografadas e uma manuscrita, 268 mensagens do Estado-Maior-General de 28/07/84 a 10/07/85 para as regiões e setores, ou destes para aquele.
- CG2/[Resistência Nacional Moçambicana], livro de registo para G[rupo] C[ordenador] Sul, assim como 2.^a Zona Sul, começado em 15/11/84 – caderno manuscrito de 119 folhas (238 páginas) numeradas à mão,* incluindo 385 mensagens de 28/10/84 a 21/11/84.*.* Embora só o GC Sul seja mencionado no título, este caderno inclui também mensagens para a região Centro [as folhas 58-82, agrafadas por engano neste maço, foram aqui separadas: v. GC11] [as datas das mensagens mencionadas por mim aqui, independentemente das incluídas nos títulos dos *Cadernos*, são as datas das mensagens, quaisquer que fossem as datas das cópias das mesmas nos *Cadernos*].
- CG3/[Resistência Nacional Moçambicana], livro de registo G[rupo] C[ordenador] Sul, assim como 1.^a + 2.^a Zona Sul, começando em 24/12/84 – caderno manuscrito de 317 mensagens de 21/12/84 a 22/01/85.
- CG4/[Resistência Nacional Moçambicana], sem título [registo G[rupo] C[ordenador] Sul] – conjunto de folhas manuscritas, provavelmente destacadas de um caderno, incluindo 58 mensagens (sendo a última incompleta), de 20/01/85 a 02/02/85.
- CG5/[Resistência Nacional Moçambicana], «Caderno Xavier» – caderno manuscrito assinado com este nome, incluindo 1000 mensagens de 01/07/83 a 01/01/84, de ou para as várias regiões militares da Renamo no país. Este caderno, do ano de 1983, é o mais antigo de todos.
- CG6/[Resistência Nacional Moçambicana], sem título [livro de registo para as mensagens do G[rupo] C[ordenador] C[entro] – caderno manuscrito, incluindo 185 mensagens + 1 folha datilografada, de 28/10/84 a 04/11/84.
- CG7/[Resistência Nacional Moçambicana], livro de registo para as mensagens do G[rupo] C[ordenador] Norte começado em 18/08/84 – terminado em [data quase totalmente apagada: 05/11/84] – caderno manuscrito incompleto (as folhas do fim foram arrancadas), mas a que devem ser acrescentadas 10 folhas soltas, de 259 mensagens (284 com as folhas avulsas) de 16/08/84 a 05/11/84 (12/11/84 com as folhas avulsas). Apesar do título, várias mensagens concernem também ao Centro e ao Sul.
- CG8/[Resistência Nacional Moçambicana], livro de registo para as regiões c[entra]is de Gorongosa comensado [*sic*] em 12/11/84 – caderno manuscrito

a extraordinária riqueza documental do todo, caso venha a aparecer um dia. Nesse caso, será então possível criar uma significativa base de dados sobre a Renamo nos anos 1983-1985, com a sua estruturação, pessoal, geografia militar detalhada, combates, material, psicologia, etc. Ainda não chegámos a esse ponto desejável...

No total, estudei 3401 mensagens. Uma grande dificuldade, não totalmente superada, foi a localização precisa dos acontecimentos. As mensagens trazem sempre nomes de áreas e de pequenas localidades, a maioria das quais não consta de qualquer mapa. No entanto, utilizei vários instrumentos que me permitiram realizar uma geografia aproximada das grandes zonas provinciais, das regiões, dos setores e das zonas locais da Renamo.¹⁶ Outro problema foi a diferente

de 426 mensagens, de 12/11/84 a 11/12/84. Apesar do título, inclui algumas mensagens sobre o Sul e o Norte.

- CG9/[Resistência Nacional Moçambicana], livro de registo para as regiões C[entro] da Gorongosa começado em 16/12/84 – caderno manuscrito de 398 mensagens, de 03/12/84 a 21/01/85 + um panfleto datilografado de 01/06/84.
- CG10/[Resistência Nacional Moçambicana], maço de folhas manuscritas agrafadas numeradas de 58 a 82, composto de 48 páginas, com 80 mensagens de 07/01/85 a 24/01/85, que prolongam o caderno anterior, mas que tinham sido inseridas por engano num outro maço de folhas sem relação [v. CG2].

¹⁶ Para as localizações utilizei as fontes a seguir, listadas por ordem cronológica de edição:

- Ministério das Colónias, Comissão de Cartografia, *Dicionário Corográfico da Província de Moçambique* – 1.º fascículo: *Territórios de Cabo Delgado (Companhya do Niassa)*; 2.º fascículo: *Distrito de Moçambique*; 3.º fascículo: *Zambézia, Distrito de Quelimane, Distrito de Tete* (Lisboa: Tipografia Cristóvão Rodrigues/Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919, x + 176 páginas, 1921, x + 134 páginas, 1926, x + 290 páginas).
- Província de Moçambique, Direção dos Serviços de Agrimensura, *Mapa das Povoações Criadas até 31 de Dezembro de 1959 e Sua Situação Legal (artigo 4.º do Regulamento para a Concessão de Terrenos do Estado na Província de Moçambique, Aprovada pelo Decreto n.º 3983, de 16 de Março de 1918)* (Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1960), 60 páginas.
- United States Board on Geographical Names, *Mozambique, Official Standard Names Approved by the United States Board on Geographic Names* (Washington: Geographical Names Division, US Topographic Command, 1969), iv + 506 páginas.
- *Mozambique. Mozambique. Mosambik, Index of Geographical Names. L'index des noms géographiques. Verzeichnis der geographischen Namen* ([Moscovo], 1987), 15 páginas.
- Site «Geographical names», http://www.geographic.org/geographic_names/index.html.
- Site «Places in the world», <http://www.places-in-the-world.com>.

Foi utilizado também um mapa da Direção Nacional de Geografia e Cadastro, 1/250 000, assinalado em nota de rodapé.

ortografia de uma mesma localidade, por vezes fácil de resolver (Nhamatope/Inhamatope, Bomba/Bamba), mas outras vezes difícil ou mesmo impossível. Acresce ainda que os nomes de algumas localidades são simplesmente ilegíveis ou, se são legíveis, foram mal decifrados. Quando as coordenadas de longitude e latitude são dadas, nem sempre são corretas (muitas coordenadas indicam um ponto em pleno oceano Índico!), podendo ainda o mesmo lugar variar em mensagens diferentes, ou são mesmo erradamente decifradas.

Outra dificuldade foi entender quem eram os autores das mensagens: por vezes era fácil, sendo um nome seguido da sua função (por exemplo, «Amade Viagem, chefe nacional R. T.», para as radiotransmissões). Mas precisei de tempo para perceber, e confirmar, que «Zacarias Pedro» não era mais do que um pseudónimo de Afonso Dhlakama,¹⁷ e que, muitas vezes, as mensagens enviadas ao «DD» (Departamento de Defesa) ou ao EMG (Estado-Maior-General), na realidade, eram enviadas também ao próprio Afonso Dhlakama.

Enfim, a documentação encontrada sobre as regiões é muito desigual na fração dos *Cadernos da Gorongosa* que pude consultar: por sorte, algumas são bastante bem descritas, por azar, outras estão quase ausentes.

O apuramento dessas 3401 mensagens, na grande maioria manuscritas, foi penoso e longo, mas riquíssimo, na medida em que, de maneira muito dispersa, mas fazendo sentido globalmente, forneceu informações sobre os lugares de implantação da Renamo, a estruturação e o equipamento militar, a hierarquia, a natureza e a duração dos combates, sobre a «batalha para a população» com vista ao seu controlo pelos dois campos da guerra, sobre os recrutamentos voluntários ou não e as deserções, os feridos e os mortos em combate ou por doença, a centralização das mercadorias e a repressão do mercado negro dentro da guerrilha, as escolas e os hospitais em zona da Renamo, a bruxaria, as relações com os civis e com as milícias (mudjibas), as relações sexuais, a psicologia dos combatentes, etc. Não são os «elementos» (isto é, simples soldados) que têm a palavra nos *Cadernos*, mas os vários níveis da hierarquia, desde o comandante-chefe ou um general de um grande grupo coordenador provincial ou de uma região até (raramente) um humilde chefe de zona.

¹⁷ Outro pseudónimo de A. Dhlakama foi «Trinta e Cinco».

Doc. 1 - Uma página de exercício de decifragem.

MAPAIM

00190 02501

MEO/NO-9 78 83 DOW/DE ETECY JA-REG
 1-6377 11-1111 9-1111 111111 111111
 N-APARA-DUDD E-TECY SECTO. 11QUER
 S-111111 U-1111 111111 111111 111111 111111
 O-SABE R-ODIN HEIRD JA-CAI XA-QUE
 JA-TEN 11-1111 11-1111 11-1111 11-1111 11-1111
 U-1111 111111 111111 111111 111111 111111
 ORMAR- SEMPR E-A-REG JAV ODI NHEIR
 O-GASTO- NASS AIDAS-DOS-GR
 U/SEMP RE-3-NAOUTI 2 JEAR-D-
 DINHE 11-1111 11-1111 11-1111 11-1111 11-1111
 VAREM- AOS-RECRUTA S-11-DEU-EM-INF
 ENCIT IEAK-O. RECRUTAHEN TO-EM-T
 OJAS-h OCARI DADES. E-DIST RITUS-
 BESTA S-PROU INCIA-APART IR-DG
 IA-8/7R. ZATE-AO- MES-D E-SETE MORD
 E-EM-R ECROT AR-178 HOMER S-COMI
 JA-DE-C IMPRE EUDIO A, SIM-D
 I-TEIT OS-FIS ICAS S-QUAND O-TIVE

Algumas mensagens são reproduzidas aqui como ilustrações (v. lista dos documentos). Achei importante incluí-las para o leitor as poder ver *in loco*. No entanto, por vezes, como se poderá constatar, são de má qualidade. Não é devido a uma digitalização com baixa definição e contraste, as mensagens eram assim mesmo: por vezes escritas a lápis claro numa página branca – a guerrilha carecia de esférogáficas, etc.

Não será desequilibrada essa documentação a que tive acesso? Já disse que os excertos publicados pelo governo da Frelimo resultaram de uma seleção cuidadosamente feita para sobrevalorizar a presença da África do Sul no dia a dia da rebelião e assim a deslegitimar. Mas como é que se pode garantir que o «extravio» dos cadernos consultados por mim não seguiu uma seleção inversa? É extremamente improvável: o extravio não foi feito com o tempo necessário para isso, os cadernos apanhados são muito heterogêneos e o «exterior» (África do Sul/Malawi) aparece de vez em quando. E, argumento *ex post*, esses cadernos nunca foram utilizados para comprovar a tese contrária, a saber, que a Renamo teria pouca ligação com a África do Sul. Pois a constatação factual é que não foi esse o objetivo do extravio – como já disse, era saber do que se tratava, o que era a Renamo, era um objetivo de mera inteligência.

Mais um assunto, de teor ético. Escrever um livro com base numa documentação arquivística a que ninguém mais podia ter acesso foi metodologicamente e eticamente problemático. Em todas as ciências (não só nas ciências sociais), uma regra básica é a possibilidade de reproduzir a pesquisa/a experiência. Aqui foi uma investigação solitária e confidencial. Devia por isso abandonar ou atrasar a exploração e a publicação dessa riquíssima documentação? Escolhi prosseguir. No entanto, logo que acabei a análise dos documentos tratei de organizar a sua transferência para uma instituição de arquivo que pudesse salvaguardar e valorizar o fundo: depois de várias vicissitudes, os *Cadernos* foram depositados no Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Espera-se que estejam brevemente disponíveis *online*.

Além disso, tinha um objetivo quase metodológico: a Renamo nunca foi estudada com base em documentos escritos, não publicados... da própria Renamo. Com certeza, já houve estudos – poucos, incluídos os meus – que utilizaram algumas entrevistas de dirigentes

da organização e de antigos combatentes,¹⁸ mas a documentação escrita com teor relativo à Renamo foi, até hoje e de maneira esmagadora, produzida pelo que chamo «o mundo social da Frelimo», isto é, não só a Frelimo como partido, mas com o seu Estado,¹⁹ as populações controladas e toda a esfera intelectual moçambicana *e estrangeira*

¹⁸ Sem citar artigos recentes sobre a reintegração e as dificuldades económicas atuais dos antigos combatentes, em particular os da Renamo, que não concernem diretamente à guerra, pode-se consultar: Jocelyn Alexander, «Terra e autoridade política no pós-guerra em Moçambique: o caso da província de Manica», *Arquivo: Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique* (Maputo), n.º 16 (1994): 5-94; Michel Cahen, *Les bandits. Un historien au Mozambique, 1994* (Paris: Publications du Centre culturel Calouste Gulbenkian, 2002) [versão portuguesa: *Os Outros. Um Historiador em Moçambique, 1994* (Basileia: P. Schlettwein Publishing Foundation, 2003)]; William Finnegan, *A Complicated War: the Harrowing of Mozambique* (Berkeley: University of California Press, 1992) ; Jean-Claude Legrand, «Logique de guerre et dynamiques de la violence en Zambézie, 1976-1991», *Politique africaine*, n.º 50 (1993): 88-104, e «Passé et présent dans la guerre du Mozambique. Les enlèvements pratiqués par la Renamo», *Lusotopie*, II (1995): 137-150; Carrie L. Manning, «Constructing opposition in Mozambique: Renamo as political party», *Journal of Southern African Studies*, xxiv, n.º 1 (1998): 161-189; Carolyn Nordstrom, «The backyard front», in *The Paths to Domination, Resistance and Terror*, eds. Carolyn Nordstrom e Joann Martin (Berkeley: University of California Press, 1992), 260-274, e *A Different Kind of War Story* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1997); Otto Roesch, «Renamo and the peasantry in Southern Mozambique: a view from Gaza province», *Canadian Journal of African Studies*, xxvi, n.º 3 (1992), 462-484; Andre E. A. M. Thomashausen, «The Mozambique National Resistance», in *Weerstandsbewegings in Suider-Afrika*, ed. Christiaan Jacobus Maritz (Potchefstroom: Departement Sentrale Publikasies, Potchefstroomse Universiteit vir Christelike Hoër Onderwys, 1987), 29-66; Alex Vines, *Renamo. From Terrorism to Democracy in Mozambique?* (Amsterdão: Centre for Southern African Studies – Londres: James Currey, 1996), 24-25 (1.ª ed., 1991). Por razões metodológicas, não estou a considerar como tendo utilizado «fontes da Renamo» publicações baseadas em entrevistas de soldados da Renamo detidos nas prisões do governo ou dos serviços secretos durante a guerra e que temiam pela sua vida (o que não quer dizer que não se possa utilizar tal tipo de fontes – mas não são fontes da Renamo), como em William Minter, *The Mozambican National Resistance (Renamo) as Described by Ex-Participants. Research Report Submitted to Ford Foundation and Swedish International Development Agency* (Chicago e Amsterdão: Holland Committee on Southern Africa, 1989), e *Apartheid's Contras: An Inquiry into the Roots of War in Angola and Mozambique* (Londres: Zed Books, 1994).

¹⁹ Até o livro famoso, crítico e pioneiro de Christian Geffray foi baseado na documentação local (Eráti, Nacaroa, Nampula) do exército e dos serviços secretos do Estado da Frelimo: *La cause des armes au Mozambique. Anthropologie d'une guerre civile* (Paris: Karthala-CREDU, 1990) [versão portuguesa: *A Causa das Armas: Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique* (Porto: Afrontamento, 1991)]. É de notar que a investigação de terreno por Otto Roesch foi explicitamente desenvolvida para defender um ponto de vista oposto ao de C. Geffray (v. nota 18).

sua simpatizante, na altura e até hoje. O investigador, obviamente, deve sempre manter uma distância crítica para com as fontes. Normalmente, o cruzamento das fontes ajuda muito a este distanciamento, o que aqui não foi o caso. No entanto, espero ter conseguido mantê-lo, nomeadamente mercê do facto de que estudo a guerra civil moçambicana há mais de trinta anos e penso assim ter uma cultura suficiente deste caso para não me deixar iludir por qualquer fonte. O cruzamento das fontes esteve sempre presente na minha mente. Mas avancei porque quis provocar uma *inversão* – estudar a Renamo com base nos documentos produzidos por ela. Isto tem uma consequência e uma limitante importantes: este livro *não é* uma história da Renamo, ainda menos uma história social da guerra civil, que estão por fazer, o que imporá cruzamentos de fontes escritas (arquivísticas e publicadas) e orais e necessariamente um projeto coletivo, internacional e plurianual de investigação. Espero poder vir a fazer parte de um tal projeto. Devia esperar anos e anos, dando prioridade a esse projeto de longo prazo? Como se diz, o melhor por vezes é inimigo do bom. As fontes utilizadas aqui entrarão no tal projeto (o «melhor»), mas pensei útil dar, desde já, um contributo parcial (o «bom»). Este livro não é, pois, um estudo global sobre a Renamo na época do Acordo de Nkomati: é um estudo a partir de uma fonte peculiar, riquíssima.²⁰

* * *

O que me proponho neste estudo é, dada a grande especificidade desta fonte, apreender, quase diariamente, a Renamo não só como grupo militar que obedeceria unicamente a um poder estrangeiro, mas como organização capaz de delinear objetivos estratégicos e políticos. Isto é «politizar» a Renamo, mesmo que o factor militar permaneça dominante. O livro está dividido em dezassete capítulos, desiguais em dimensão – tendo ficado eu refém do grau de frequência de informações, sobre determinados aspetos, nos *Cadernos*. Os dois primeiros capítulos apresentam o contexto (o período do

²⁰ Com dois colegas meus, tentámos elaborar uma bibliografia geral, pluralista e multilíngue da guerra civil moçambicana: «Towards a bibliography of the Mozambican civil war», in *The War Within. New Perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992*, eds. Éric Morier-Genoud, Michel Cahen e Domingos M. do Rosário (Martlesham (R.-U.): James Currey/Boydell & Brewer, julho de 2018), 227-252.

Acordo de Nkomati) e a geografia militar da Renamo à escala do país, incluído o respetivo mapeamento (um anexo no fim do livro fornece mais detalhes sobre a organização regional e setorial da guerrilha). O capítulo 3 descreve a particularidade da estratégia militar da Renamo no seu contexto, isto é, o avanço em direção ao Norte, até Niassa e Cabo Delgado. O capítulo 4 analisa a forma como foi apresentada e explicada pela Renamo essa estratégia no seu seio e junto das populações, ou seja, a capacidade de esse exército guerrilheiro exprimir uma orientação política.²¹ Os capítulos 5, 6, 7 e 8 são o coração do livro, visto que essa guerra, além dos aspetos estritamente militares, foi uma guerra pelo controlo da população. Esses capítulos analisam o relacionamento da Renamo com a população, tanto com a que estava sob o seu controlo, como com a que era controlada pelo inimigo, assim como a visão da Renamo sobre a atitude da Frelimo para com a população controlada por si. Os capítulos 9, 10, 11 e 12 estudam os aspetos mais diretamente militares: a batalha pela alimentação, a organização e a vida militar (os recrutamentos, a disciplina, as deserções, o treino, a ultracentralização), a natureza dos combates (sua duração, as derrotas, a guerra semiconvencional, os diários da vida militar, as baixas), os apetrechos e a gestão do armamento. O capítulo 13 é uma tentativa de esboçar a economia política da Renamo através da centralização dos bens materiais e da repressão do mercado negro. O capítulo 14 apresenta a problemática urbana da Renamo, uma organização maioritariamente rural, mas que tinha também objetivos urbanos. Os capítulos 15 e 16 incidem sobre os aspetos sociais: a escolarização e a saúde nas zonas da Renamo, além da questão das relações sexuais dentro da Renamo e entre os seus soldados e a população. O capítulo 17 trata de um aspeto cultural particular: a burocracia dentro da Renamo. Por fim, a conclusão tenta elaborar o perfil contextual da Renamo nos anos 1983-1985 e procura pensar esta guerrilha como um caso específico e plebeu dentro da tipologia das guerrilhas no capitalismo tardio.

Este trabalho não teria sido possível sem o excelente ambiente de trabalho na Casa de Velázquez (Madrid) e no Instituto de Ciências

²¹ Esses quatro capítulos foram objeto da publicação de um capítulo em inglês, «The war as seen by Renamo. Guerrilla politics and the 'move to the North' at the time of the Nkomati Accord (1983-1985)», in *The War Within...*, 100-146.

«*Não Somos Bandidos*»

Sociais (Lisboa), de que pude desfrutar graças a um destacamento autorizado pelo *Centre national de la recherche scientifique* francês e aceite com a máxima compreensão pela direção do meu centro de investigação, «*Les Afriques dans le monde*», no *Institut d'études politiques* de Bordéus. Queria transmitir um «obrigação», de um lado, para Melina Revuelta e Érico Elias e, do outro lado, para Fátima Mendonça, que fizeram as duas revisões sucessivas do meu português de francês..., e, por fim, para os dois autores dos pareceres confidenciais da Imprensa de Ciências Sociais, cujos reparos – embora discordando eu, por vezes, deles – foram sempre muito úteis para completar ou precisar determinados aspetos.

Lisboa, 31 de julho de 2016
Bordéus, 31 de julho de 2018